

BRICs

Cooperação em comércio e indústria. Um ponto de vista do lado brasileiro

José Botafogo Gonçalves

Presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais

Desde o início dos anos 60, quando o processo de industrialização acelerada foi entusiasmaticamente adotado pela sociedade brasileira, o país tentou definir a si próprio como um *global trader* e também como um *global player*.

Cinquenta anos mais tarde, o Brasil está começando a ser considerado uma potência emergente pela comunidade internacional e pelas suas próprias autoridades diplomáticas. Paradoxalmente, o caminho que o Brasil percorreu rumo à indústria e ao comércio internacional deu-se no contexto de uma trajetória isolacionista surpreendente, na qual regras internacionais obrigatórias ou cooperação internacional voluntária sofreram objeções ou foram relutantemente implementadas.

Para entender essa contradição, algumas considerações históricas e geográficas são necessárias.

A história do Brasil começa em 1500, quando os navegadores portugueses desembarcaram nas costas do sul do Oceano Atlântico. Até 1808, o Brasil foi uma colônia portuguesa, no mais absoluto sentido da palavra. Comércio e indústria - esta somente quando permitida por Portugal - foram desenvolvidos exclusivamente com Lisboa. Os portos brasileiros eram fechados a todas as demais nações.

Navegadores franceses, holandeses, ingleses, frequentavam nosso litoral apenas como traficantes ou corsários. Todos os vizinhos brasileiros na América do Sul eram considerados inimigos potenciais, na medida em que seus territórios eram controlados por Espanha, França, Holanda; todos inimigos de Portugal, a Espanha, em particular.

Esse quadro de isolamento foi fundamental para modelar, dentro da colônia portuguesa, um sentimento de nação, que fala o mesmo idioma, lida com um dominador estrangeiro (Portugal) e mantém a população afastada dos inimigos hispânicos.

“Vizinhos” é dificilmente uma palavra apropriada, uma vez que o Brasil encontra-se separado dessas regiões por uma densa floresta tropical, por rios gigantescos ou pela Cordilheira dos Andes.

Em 1808, quando toda a monarquia portuguesa desembarcou no Rio, escapando da invasão do exército napoleônico, o Brasil, literalmente do dia para a noite, modificou seu *status* político de colônia à metrópole do império português. Nesse momento o país ainda não era um Estado, mas se sentia quase como uma nação.

Embora o destino formal das exportações brasileiras fosse Portugal, de fato os bens brasileiros eram re-exportados para países europeus e, mais tarde, para

os Estados Unidos da América.

De que tipo de bens se tratava? “*Commodities*” agrícolas, e ouro e diamantes no século XVIII.

Algumas conclusões podem ser traçadas a partir desse breve pano de fundo histórico e geográfico:

a) O Brasil, desde 1500, tem sido um exportador sucedido e competitivo de *commodities* agrícolas, e continuará nessa posição nos próximos anos;

b) O Brasil está se tornando um exportador bem sucedido de bens industriais (manufaturados e semimanufaturados), e seu crescente mercado interno proporciona uma razoável produção em escala; ainda o crescimento dos investimentos logísticos melhora a competitividade dos bens brasileiros e sua distância em relação aos mercados dos países do Atlântico Norte e de potências asiáticas (Japão, China, Índia);

c) A expansão do comércio industrial internacional é um fenômeno muito recente (tem em torno de 10 anos) e requer esforços gigantescos do governo e do setor privado, com vistas a manter ou a aumentar a atual taxa de crescimento desse tipo de exportação;

d) Atualmente, ninguém pode afirmar em qual direção o Brasil concentrará seus esforços na promoção da cooperação internacional no comércio e na indústria, embora haja evidências empíricas mostrando que o mercado da América do Sul crescerá em importância relativa ou absoluta na esfera do comércio exterior.

A esta altura, podemos especular sobre possíveis áreas de cooperação entre os países que compõem os Bric's em um futuro próximo, tanto no campo do comércio quanto no da indústria.

Levando em conta a história brasileira, as ambições culturais nacionalistas, o comércio global e a performance global do país, podemos esperar, no contexto de um possível diálogo entre os quatro países participantes do grupo, uma mistura variável e complexa de cooperação, competição, confrontação e negociação no campo da agricultura, barreiras não-tarifárias de comércio, políticas de investimentos, direitos de propriedade intelectual e serviços transnacionais.

Como foi mencionado anteriormente, o Brasil desenvolveu seu próprio pacote de políticas em um quase completo isolamento em relação a seus parceiros naturais. Embora o Brasil seja um membro fundador das instituições de Bretton Woods, o Ministério de Relações Exteriores (Itamaraty) sempre usou o fórum de Bretton Woods para apresentar justificativas visando ao não-cumprimento das decisões liberais adotadas particularmente nos casos de políticas comerciais. Os argumentos foram normalmente baseados em considerações de balanço de pagamentos ou nas necessidades de se projetar uma “indústria nascente” ou de se prover “tratamento diferenciado” para os países menos desenvolvidos. Nesta área específica, a cooperação com a

diplomacia indiana vem sendo contínua e proveitosa.

Este não foi o caso em relação à Rússia (União Soviética) ou à China, uma vez que ambos excluíram a si próprios da lista de países capitalistas. Por razões políticas, a cooperação entre Brasil e Rússia (União Soviética) ou entre Brasil e China foi inexistente ou operou sob severo escrutínio das autoridades dos países envolvidos.

Nas últimas duas décadas, os Brics experimentaram grandes mudanças. O Brasil, desde 1990, vem abrindo rapidamente sua economia para países estrangeiros e, pela primeira vez na história, está liderando na América do Sul um ambicioso projeto de integração regional através das instituições do Mercosul, da união aduaneira e do livre comércio. Rússia, Índia e China, com diferentes propósitos e ênfases, estão interconectando suas economias àquelas de parceiros próximos e distantes, e também ao grupo dos Brics, conforme podemos ver nas estatísticas do comércio internacional.

Em suma, a história de cooperação entre os quatro países que formam o BRIC é pobre e pouco significativa para prover linhas mestras para o futuro.

A boa notícia é que esses países estão mostrando habilidade para quebrar restrições seculares de seu próprio subdesenvolvimento e estão se apresentando no cenário internacional como emergentes por serem grandes e novos, e não por serem grandes e velhos.



A melhor indicação da nova situação do Brasil vem ironicamente da mais antiga atividade econômica desde o tempo colonial, que é a agricultura. O Brasil, junto com os parceiros e associados do Mercosul, possui o maior reservatório de água, de fontes de energia renováveis e não-renováveis, de terra arável e de exposição ao sol. Ao contrário de práticas antigas, hoje os produtores agrícolas brasileiros têm a sua disposição a mais moderna tecnologia existente para lavouras tropicais, práticas ecológicas e sustentáveis no longo prazo. O Brasil está se tornando o maior fornecedor mundial de proteína vegetal e animal. China e Índia estão se tornando grandes consumidores deste tipo de alimentos. É possível uma cooperação entre os Brics nessa área? A resposta é simples. Sim, a cooperação é possível, mas, probabilisticamente falando, atravessaremos inicialmente campos de confronta-

ção e de negociação antes de atingirmos o estágio de cooperação. Na medida em que o comércio internacional é hoje medido mais por valor agregado do que por apenas volume, os exportadores e importadores de *commodities* vão lutar para aumentar a porção de valor agregado incorporado nos bens agrícolas dentro de suas fronteiras políticas ou econômicas.

Por outro lado, no campo dos biocombustíveis e de outras fontes de energia renováveis, a cooperação entre os Brics é possível e de interesse mútuo.

No caso de questões relacionadas a investimentos e a comércio, a cooperação entre companhias privadas será uma força dinâmica que se moverá mais rapidamente do que políticas governamentais.

As companhias transnacionais ou multinacionais não são mais um privilégio do quadro industrial do

mundo desenvolvido. Os Brics têm surpreendido o mundo com o crescente papel de suas próprias companhias transnacionais, que já influenciam políticas públicas com vistas a promover seus objetivos econômicos.

Como conclusão, os Brics são quatro grandes animais diferentes que estão entrando juntos no cenário do século XXI, não apenas por serem grandes, mas sim porque estão mostrando a habilidade de usar seus tamanhos para modificar e modernizar a si mesmos. Inovação é o conceito que pode consolidar os BRICs no futuro.

Enquanto isso, testemunharemos episódios de confrontação, de negociação e de cooperação em proporções que somente *post facto* seremos capazes de determinar.

